

SOCIOLOGIA DO TRÂNSITO

Aluna: Alessandra Capistrano Guimarães

Professor: Roberto Augusto DaMatta

Introdução:

O processo de aprofundamento do tema continua. A pesquisa pretende, através de metodologias clássicas, entender as relações sociais que ocorrem no Trânsito brasileiro. Para isso, foi usada a “observação participante”, desenvolvida já nos anos 20 por Malinowski, e Clifford Geertz. No entanto, como qualquer pesquisa antropológica, faço uso das diversas ferramentas metodológicas existente para lidar com os imprevistos.

O trabalho de pesquisa segue um caminho extenso, recolhendo dados, buscando fontes e material teórico para balizar a experiência empírica e construir sua metodologia.

O trânsito no Brasil é um objeto de estudo amplo, e para reconhecer as limitações do presente trabalho foi necessário um ponto de partida: Rio de Janeiro.

Recolhemos dados de pesquisa de campo nas ruas e estacionamentos. As relações sociais e pessoais começam a aparecer proporcionando um estudo empírico e a avaliação das conclusões. O trabalho agora recolhe as informações e as integra a uma gama de outras informações para possibilitar a criação de conclusões

A metodologia de um trabalho de pesquisa antropológico procura como trabalhar no campo das ciências sociais? ; Que ferramentas um pesquisador tem a seu dispor para realizar um estudo de determinado fenômeno?; Quais as técnicas que devem ser empregadas e ainda qual deve ser o elemento central da pesquisa. Ora, sabemos que no campo da antropologia tudo pode mudar, todas as suas hipóteses e certezas, pois as variáveis são muitas quando se trata de entender a sociedade e a diversidade cultural. Por essa razão é essencial o trabalho de campo.

Objetivo

Fazer um trabalho de campo acerca do trânsito no Brasil procurando como se dá as relações sociais que ocorrem nas ruas, nos carros e nos “encontros” sociais.

Metodologia

Não existe um método de pesquisa para estudar cada fenômeno de uma única maneira. A pesquisa não segue uma fórmula padrão capaz de englobar qualquer situação, é através de ferramentas de estruturas de pesquisa deixadas a nós pelos grandes autores “clássicos” da antropologia que construímos uma metodologia própria a cada situação. A realidade social é dinâmica e complexa e cabe ao pesquisador se utilizar de teoria e prática diante mediações feitas muitas vezes a nível pessoal. É necessário se trabalhar através de um “artesanato intelectual” (Mills, C. Wright) que vai moldando e formando a pesquisa.

Foram idas a IUPERJ à procura de bibliografias:

Houve trabalhos para inserir dados no powerpoint e pesquisa de opinião no boca a boca sobre a realidade brasileira. Debater e refletir a respeito do Brasil foram processos de pesquisa feitos para começarmos a cercar o assunto.

O trabalho antropológico é metucioso e precisa de uma investigação que rodeie totalmente o assunto.

Procuramos a história do carro brasileiro em diversas fontes desde a internet até profissionais do assunto. Quando veio para cá o primeiro carro? (em 1891); quando foi montado o primeiro no país?. Em 1925 já existia montagem de carros em São Paulo e aos poucos vai surgindo a necessidade de se improvisar peças de reposição durante o período da guerra. Assim evolui a história do carro brasileiro que insere na pesquisa uma direção.

A partir daí tentamos procurar dados dos primeiros acidentes de trânsito na biblioteca nacional. Estamos procurando dados nos arquivos centrais dos jornais, em suas sedes locais, à partir das datas dos processos históricos do carro brasileiro. Tudo leva certo tempo e dinheiro, já que a maioria das buscas em jornais é paga. Procuramos, também, estatísticas que possam ajudar a exemplificar as relações do trânsito.

Passei questionários nas ruas e estacionamentos, tentando entender as relações que ocorrem, os valores que surgem e estruturam o cotidiano do trânsito.

Assim, segue a pesquisa de trabalho de campo

Referências

1. Santos, Vânia Martins dos.
Impunidade ou Desigualdade? Uma análise comparada das perspectivas da imprensa e da engenharia de tráfego sobre o trânsito 1995, 82f., RJ, dissertação de mestrado.
2. Barat, Josef
Estrutura metropolitana e sistema de transporte: estudo do caso do Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1975, 292p (monografia IPEA Instituto de pesquisa) tipo- livro.
3. Vasconcelos, Fernando César.
Trânsito, Rítmicos Desiguais e Violência no Asfalto. 2003, 74f., RJ, dissertação de mestrado.
4. Nóbrega, Ricardo André Avelar da.
Trabalhadores em trânsito: um estudo dos novos taxistas do RJ. 2005, 83f.
Orientação: Luiz Antonio Machado da Silva, dissertação de mestrado.